

O estudo dos pronomes em Benveniste e o projeto de uma ciência geral do homem

Marlene Teixeira*

Pode-se então prever hoje a constituição de uma ciência da cultura, que se apoiaria, por certo, em disciplinas diversas, porém todas aplicadas em analisar, em diferentes níveis de descrição, a cultura como uma língua (Roland Barthes, 1988, p. 32).

Resumo

Este trabalho propõe que o estudo dos pronomes de Benveniste representa um lugar privilegiado para mostrar que sua teoria da enunciação contém o projeto de uma ciência geral do homem.

Palavras-chave: Pessoa. Não pessoa. Enunciação. Ciência geral do homem.

Introdução

Meu encontro com Benveniste foi absolutamente acidental. Eu o conheci estudando a teoria de Jacqueline Authier-Revuz (1995), que lhe confere lugar fundamental na constituição de sua reflexão, por permitir-lhe transitar, com Saussure, da língua à enunciação e ao discurso, desse modo, resguardando a noção saussuriana de *língua como ordem própria*, tão cara a seu projeto.¹ A leitura incipiente que fiz de alguns textos do

* Professora e orientadora no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e no curso de Letras (Unisinos-RS) e pesquisadora do CNPq (Processo: 305608/2009-6). E-mail: martei@terra.com.br

Data de submissão: mar. 2012 – Data de aceite: maio 2012

autor, na ocasião, não me autorizava a enunciar nada a seu respeito que já não estivesse devidamente pontuado por Authier-Revuz.

Meu batismo de fogo como leitora de Benveniste deu-se quando aceitei o convite de Valdir do Nascimento Flores (UFRGS) para organizar, juntamente com Leci Borges Barbisan (PUCRS), o Colóquio Leituras de Émile Benveniste,² ocorrido na PUCRS em agosto de 2004. A ideia era tentar recuperar o princípio da intersubjetividade na discussão acadêmica, que julgávamos estar se perdendo nos grandes eventos, caracterizados por conferências sobre temas abrangentes para plateias imensas, seguidas de sessões simultâneas de apresentação de trabalhos, que, por serem numerosas, frequentemente, resultam esvaziadas. O colóquio, com um número restrito de participantes, proporcionou a abertura de textos inacabados ao exercício da escuta do outro. Ali estávamos não como plateia, mas como atores comprometidos em colocar a “mão na massa” (TEIXEIRA, 2004, p. 7).

Esse “colocar a mão na massa” me fez redescobrir Benveniste. Mergulhar em parte de seus textos que constituem os dois volumes de *Problemas de linguística geral* (doravante, PLG), por minha conta e risco, teve uma repercussão profunda não só em minha atuação acadêmica, como também no modo de compreender a própria experiência humana. Desde esse momento, impressionou-me a extraordinária potência do pensamento do autor, e

me senti convocada a ir atrás de indicações presentes em pensadores como, por exemplo, Paul Ricoeur, Roland Barthes e Jacques Lacan, que perceberam desde sempre que Benveniste não se ocupa apenas de aspectos avulsos de morfologia e sintaxe. Sob a descrição linguística miúda e pormenorizada, estão colocadas questões de interesse muito amplo.

Minha participação no colóquio, que integrou a mesa sobre aspectos epistemológicos da linguística de Benveniste, constituiu-se em uma busca no texto do autor de elementos para, a título de ensaio, propor sua teoria como o *terceiro gesto* que Kerbrat-Orecchioni³ diz faltar à linguística (TEIXEIRA, 2004, p. 107).

Desde então, de um modo ou de outro, venho trabalhando no sentido de demonstrar a pertinência dessa ideia. Em várias incursões sobre a teoria de Benveniste, tenho proposto o deslocamento da interpretação que a restringe ao estudo das marcas da subjetividade na linguagem no âmbito intralinguístico, na direção das atividades significantes dos homens em qualquer tipo de interação social.⁴

A reflexão aqui trazida não foge desse intento. Ela resulta do contato com os últimos desdobramentos da recepção de Benveniste em relação à amplitude do escopo de sua teoria enunciativa, corroborados em passagens do próprio autor, e por comentários precocemente feitos por R. Barthes (1988) nessa direção. Detenho-me particularmente no estudo dos pronomes desenvolvido ao longo de

PLG I e PLG II para mostrar seu potencial heurístico no terreno das chamadas ciências humanas.

Um linguista à parte

A recepção da obra de Émile Benveniste segue um caminho pouco comum. Conforme relato de F. Dosse (1994, p. 61), até a publicação de “O aparelho formal da enunciação” na revista *Langages* em 1970, Benveniste não teve escuta entre os linguistas, embora sempre tenha encontrado espaço no âmbito mais amplo das chamadas ciências humanas. Temos⁵ comentado a circulação de seus artigos em revistas de psicologia, antropologia, psicanálise, sociologia, filosofia, linguística, atribuindo esse fato não apenas à falta de acolhimento entre os linguistas de sua época, mas, sobretudo, à natureza de seu pensamento sobre a linguagem cuja repercussão ultrapassa os limites da linguística (cf., por exemplo, TEIXEIRA, 2012).

Passados mais de trinta anos de sua morte, pode-se dizer que Benveniste é hoje uma das maiores referências em linguística. O texto de apresentação do Colóquio Internacional de Linguística Enunciativa *Les théories énonciatives aujourd'hui: Benveniste après un demi-siècle*, realizado na Université Paris Est-Marne La Vallée em novembro de 2011, aponta dois grandes nomes cujas teorias são “molas propulsoras” do que se faz hoje no campo da linguística: Chomsky, nos Estados Unidos, que

recoloca a dimensão mentalista, fortemente afastada de cena pelos estudos bloomfieldianos; Benveniste, na França, que reabilita o interesse pela discursivização, no próprio quadro da herança saussuriana. Enquanto Chomsky se inscreve, de algum modo, numa tradição formalista, colocando a ênfase no estudo da *competência*, Benveniste opera uma ruptura, ao atribuir a fatores da *performance* uma importância que não lhes era reconhecida (TEIXEIRA; FLORES, 2010, p. 416-417).

Se levarmos em conta a fraca difusão da obra de Benveniste fora da França⁶ (cf. BRUNET; MAHRER, 2011, p. 20), essa afirmação pode parecer exagerada, no que diz respeito a ele. No entanto, o expressivo número de colóquios e publicações⁷ sobre sua obra (ou nela inspirados) atesta a potência e a originalidade de seu pensamento sobre a linguagem. Benveniste já transita bem entre linguistas e continua a interessar estudiosos em outros campos, como o demonstra a utilização de suas formulações por filósofos como Dufour (2000) e Agamben (2008) e antropólogos como Castro (1996).

Nessa argumentação sobre a atualidade e a amplitude da obra de Benveniste, vale destacar a publicação recente de seus manuscritos sobre a poética de Baudelaire (BENVENISTE, 2011), organizada por C. Laplantine, nos quais o autor aprofunda a proposição feita em “A forma e o sentido na linguagem” sobre a necessidade de uma linguística nova para tratar da poética.⁸ Na esteira de

H. Meschonnic, Laplantine insiste sobre “a dimensão antropológica da reflexão de Benveniste, em jogo em toda a enunciação, mas singularmente investida na poesia” (cf. BRUNET; MAHRER, 2011, p. 26).

Além disso, em abril de 2012, vem a público uma obra que reúne as últimas lições de Benveniste no Collège de France (1968-1969), organizada e apresentada por Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio.⁹ Encontra-se aí o testemunho dos momentos derradeiros de sua intensa atividade intelectual até o acidente cerebral, ocorrido em 6 de dezembro de 1969, que não lhe permitiu mais a comunicação verbal. Essa edição dá ao leitor a oportunidade de desvelar uma faceta menos comum de Benveniste: o dinamismo e a solidez do professor, em sua vontade de estabelecer uma teoria da linguagem.¹⁰

No pouco que conhecemos dessas produções de Benveniste mantidas à sombra até há pouco tempo, encontramos reforço para a afirmação de R. Barthes, em texto escrito em 1966: o saber de Benveniste “responde com clareza e força às questões de fato que todos aqueles que têm algum interesse pela linguagem podem propor-se” (BARTHES, 1988, p. 181).

O próprio Benveniste é bastante claro nesse sentido, na resposta à questão de Guy Dumur¹¹ sobre o que distingue a linguística da gramática, da filologia e da fonética: “A linguística pretende englobar tudo isto e o transcender. Tudo o que diz respeito à linguagem é objeto

da linguística” (BENVENISTE, PLG II, p. 29). Nessa mesma entrevista, Benveniste declara que “o nível significativo uniu o conjunto das ciências do homem” (PLG II, p. 38), deixando entrever o projeto de formação de uma “grande antropologia”, isto é, de uma “ciência geral do homem” que integre todo o conjunto das ciências humanas.

Talvez esse projeto é que faça de Benveniste um linguista à parte, como afirma Dessons (2006, p. 16),¹² que percebe a repercussão dos trabalhos do autor no domínio da linguística geral na paisagem das ciências humanas. Nessa mesma perspectiva, Brunet e Mahrer (2011, p. 210) afirmam que a definição de significação – como a relação que a linguagem tem por finalidade instaurar entre o enunciador, o mundo, os outros sistemas simbólicos e a sociedade – coloca a linguística de Benveniste no nível de uma ciência da cultura.

Com mais ênfase podemos hoje afirmar que Benveniste representa um *terceiro gesto*¹³ nos estudos da linguagem, uma saída possível para a polarização entre o objetivismo e o subjetivismo que domina não só a linguística, mas “nossa cultura ocidental desde os pré-socráticos” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 305).

O estudo dos pronomes, desenvolvido em vários textos de PLG I e PLG II, talvez se apresente como o ponto crucial por onde essa abertura da teoria de Benveniste se deixa ver. É a ele que dedicamos nossa atenção, neste artigo, embora conscientes de que o potencial de Benveniste

deve ser examinado no conjunto de seu sistema de pensamento.

Os pronomes e a instauração da experiência humana

Em item que refere o reconhecimento de Benveniste fora do campo linguístico, Dosse (1994, p. 62) salienta o fato de ele ter destacado o caráter indissociável da noção de pessoa e de verbo como um dado universal.

De fato, as formulações do autor sobre os pronomes têm chamado a atenção de estudiosos de diferentes áreas, que nela buscam inspiração para reflexões significativas em seus respectivos campos. Destacamos, neste item, algumas dessas incursões, ao mesmo tempo em que trazemos o testemunho do próprio Benveniste sobre o modo como suas formulações sobre os pronomes podem ser tomadas. Recorremos não só a seus artigos clássicos sobre esse tema, mas a um texto de 1965, que tem o sugestivo título de “A linguagem e a experiência humana” (PLG II, p. 68-80).

Benveniste inicia esse texto reafirmando a universalidade dessa categoria linguística:

Todas as línguas têm em comum certas categorias de expressão que parecem corresponder a um modelo constante. As formas que revestem essas categorias são registradas e inventoriadas nas descrições, mas suas funções não aparecem claramente senão quando se estuda no exercício da língua e na produção do discurso. São categorias

elementares, independentes de toda determinação cultural e nas quais vemos a experiência subjetiva dos sujeitos que se colocam e se situam na e pela linguagem (PLG II, p. 68).

O traço universal da categoria de pessoa leva Barthes (1988) a afirmar, em texto apresentado no colóquio Johns Hopkins, em 1966, a ligação dessa categoria com a antropologia da linguagem. Nesse texto, ele assim resume as formulações de Benveniste:

Toda linguagem, como já mostrou Benveniste, organiza a pessoa em duas oposições: uma correlação de personalidade que opõe a pessoa (*eu* ou *tu*) à não-pessoa (*ele*), signo daquele que está ausente, signo da ausência; e interior a essa primeira grande oposição, uma correlação de subjetividade opõe duas pessoas, o *eu* e a pessoa *não-eu* (isto é, o *tu*) (BARTHES, 1988, p. 34).

Barthes destaca três pontos importantes trazidos por Benveniste. O primeiro diz respeito à transcendência de *eu* sobre *tu*, aspecto relacionado à questão da inversibilidade. Para Benveniste, *eu* é transcendente a *tu* no sentido de que é sempre *eu* que enuncia e implanta o *tu* diante de si. Como essas posições são inversíveis, isto é, os lugares de *eu* e de *tu* são intercambiáveis nas trocas verbais, essa transcendência é temporal, não implicando hegemonia de *eu* sobre *tu*.

O segundo destaque feito por Barthes é a definição do *eu* linguístico de “maneira psicológica”, ou seja, não mais como o “lugar onde se restitui inocentemente uma pessoa previamente guardada” (1988, p. 35). Para o autor, Benveniste leva a perceber que o *eu* de quem escre-

ve *eu* não é o mesmo *eu* que é lido por *tu*, o que é de grande interesse para a literatura, por instituir, nesse campo, a preocupação com a intersubjetividade.

O terceiro ponto é a descrição do *ele*, ou não pessoa, como situada fora da instância de discurso, e, portanto, “marcada pela ausência daquilo que faz especificamente (quer dizer, linguisticamente) *eu* e *tu*” (1988, p. 35).

Desse “esclarecimento linguístico”, Barthes deriva sugestões para uma análise do discurso literário, adiantando já o projeto de uma translinguística, anunciado no final de “Semiologia da língua” (PLG II, p. 67).

Adam (2011, p. 137) relata que, em curso ministrado em Genebra, em 1970, inspirado em “Os níveis de análise linguística” (PLG I, p. 127-140), Barthes enuncia uma ideia que poderia parecer surpreendente: “Benveniste é o único linguista textual”, acrescentando ser ele o responsável pela “junção entre a linguística e a textologia”. A noção de nível, reconhecida por Benveniste como elemento essencial de análise linguística, permite não só definir os elementos constituintes da língua, como também traçar fronteiras metodológicas pertinentes a uma análise linguística (DELLA MEA, 2009, p. 25). A partir da reflexão sobre o sistema linguístico em todos os níveis, ele chega à unidade que considera ser necessária delimitar na linguagem em ação: a frase (SILVA, 2009, p. 218), que, embora compreenda constituintes, não pode, em contrapartida, integrar nenhu-

ma unidade de ordem mais elevada de complexidade. Barthes vê, nessa reflexão de Benveniste, o anúncio de uma ciência do texto.¹⁴

G. Agamben (2008), em obra publicada no ano de 1978 em Torino, apoia-se nos estudos de Benveniste sobre as pessoas do discurso para mostrar onde o homem encontra sua *in-fância*. O filósofo destaca o fato de Benveniste ter mostrado a impossibilidade de uma “representação imediata de si” (2008, p. 56), o que permite sustentar que devemos renunciar a um conceito de origem que separaria no tempo “um antes-de-si e um depois-de-si” (2008, p. 60).

O que particularmente chama a atenção de Agamben é Benveniste ter dado a conhecer a consistência puramente linguística de *eu*, termo que não pode ser identificado senão na instância de discurso, designando seu locutor. Em “A natureza dos pronomes” Benveniste ensina que o *eu* não denomina entidade lexical alguma, tampouco se refere a um indivíduo singular, pois se assim fosse, “existiria na linguagem uma contradição permanente e, na prática, a anarquia” (AGAMBEN, 2008, p. 57), conforme se pode ler no excerto abaixo:

Se cada locutor, para exprimir o sentimento que tem de sua subjetividade irreduzível, dispusesse de um “indicativo” distinto (no sentido de que cada estação radiofônica emissora possui o seu “indicativo” próprio), haveria praticamente tantas línguas quanto indivíduos e a comunicação se tornaria estritamente impossível. A linguagem previne esse perigo instituindo um único signo móvel, eu, que pode ser assumido por todo locutor, com a condição de que ele, cada vez,

só remeta à instância do seu próprio discurso [...]. É essa propriedade que fundamenta o discurso individual, em que cada locutor assume por sua conta a língua inteira (BENVENISTE, PLG I, p. 281).

Em um complexo raciocínio, que não vamos reproduzir aqui, o filósofo deriva das formulações de Benveniste elementos para afirmar que a experiência “não é um paraíso que, em determinado momento, abandonamos para sempre a fim de falar”, isto é, a experiência não precede cronologicamente a linguagem, mas coexiste originalmente com ela, constitui-se “na expropriação que a linguagem dela efetua, produzindo, a cada vez, o homem como sujeito” (AGAMBEN, 2008, p. 59). “É através da linguagem, portanto, que o homem como nós o conhecemos se constitui como homem, e a linguística, por mais que remonte ao passado, não chega nunca a um início cronológico da linguagem, a um “antes da linguagem” (2008, p. 60).

Para Agamben, a cisão entre *língua* (semiótico) e *discurso* (semântico), tal como formulada por Benveniste, caracteriza de modo exclusivo e fundamental a linguagem do homem. Essa cisão toca numa problemática importante, “com a qual terá de medir-se toda futura ciência da linguagem” (AGAMBEN, 2008, p. 63). Se os animais não entram na língua por estarem desde sempre nela, o homem não é desde sempre falante. Para falar, ele precisa constituir-se como sujeito da linguagem, deve dizer *eu*. “Na medida em que possui uma infância, em que não é sempre já falante, o homem não pode

entrar na língua como sistema de signos sem transformá-la radicalmente, sem constituí-la como discurso” (AGAMBEN, 2008, p. 68).

A linha que separa semiótico e semântico, na visão de Agamben, separa natureza e cultura. O semiótico “não é mais que a pura língua pré-babélica da natureza”; já o semântico existe “apenas na emergência momentânea do semiótico na instância de discurso cujos elementos, depois de proferidos – recaem na pura língua, que os recolhe em seu mudo dicionário de signos” (2008, p. 68). O homem, conclui o filósofo, nada mais é que esta “passagem da pura língua ao discurso; e este instante é a história”¹⁵ (2008, p. 68).

Na interpretação de D.-R. Dufour (2000) sobre o estudo dos pronomes, em Benveniste encontramos também o reconhecimento de uma amplitude que autoriza a transcender o âmbito da linguística como tal.

Dufour contraria a interpretação de que Benveniste constitui um modelo de dois termos fundado na oposição estrutural *eu, tu / ele*. Procura mostrar que o autor, além da definição de *eu* por um axioma unário, fornece uma definição negativa do *eu* segundo um conjunto de três termos: *eu* não é nem *tu*, nem *ele* (2000, p. 49). É necessário um conjunto de três para a constituição do um.

A interpretação de Dufour encontra-se corroborada nas palavras de Benveniste: “Desde que o pronome *eu* aparece num enunciado, evocando – explicitamente ou não – o pronome *tu* para se

opor conjuntamente a *ele*, uma experiência humana se instaura de novo¹⁶ e revela o instrumento linguístico que a funda” (PLG II, p. 69).

A tese que o filósofo deriva de Benveniste é que existe uma *trindade natural* imanente ao ato de falar. Qualquer pessoa que fale põe em ato uma figura *trinitária* (2000, p. 17). Esse dado, ao mesmo tempo trivial e fundamental, determina a condição do homem na língua. Para apreender a propriedade trina, basta evocar o espaço mais banal possível: a conversação. É por essa singular relação de três que *a língua se precipita em discurso* (2000, p. 72).

Dufour assinala que, depois de haver formulado o conjunto trinitário dos pronomes pessoais, Benveniste cliva sua definição em dois subconjuntos binários: por um lado, analisa a díade formada pelo par *eu* e *tu*; em seguida, opõe *eu* e *tu* a *ele*. A primeira díade é o lugar da relação da comunicação intersubjetiva, mas, para que dois estejam *aqui e agora* copresentes, é necessário que outro esteja *lá*, ausente (2000, p. 91), pois nenhum espaço de simbolização é possível sem uma demarcação de ausência (2000, p. 92). Não se está mais diante de uma díade, mas de uma nova relação, impossível de decompor em relações diádicas: a tríade *eu-tu / ele*. *Ele* designa o que não está *aqui e agora* quando *eu* e *tu* falamos. Sendo aquele que não está, *ele* se refere, portanto, à ausência, *uma ausência re-presentada no campo da presença* (2000, p. 107).

Dufour lê na afirmação de Benveniste de que “*ele*” *pode ser uma infinidade de sujeitos ou nenhum*, a proposição de uma ausência radical, da ordem do irrepresentável. Assim considerada, a teoria benvenistiana deixa ver não apenas uma heterogeneidade re-presentada (*ele* sem barra), mas uma heterogeneidade radical (*ele* barrado).¹⁷

O sistema de pronomes é, na visão do filósofo, uma espécie de língua de acesso à língua. Pelo caráter de inversibilidade do par *eu-tu*, aquele a quem falo adotará espontaneamente esse sistema, mesmo que discorde de mim ou não compreenda o que eu digo.

E o que se troca nessa inversão? Informações, talvez, mas não principalmente. O que se troca é, antes de tudo, a qualidade específica do *eu*, imediatamente transferida àquele designado como *tu*. Dufour (2000) destaca que *eu* e *tu* são conchas vazias que se preenchem na enunciação. Falar consiste em trocar a capacidade de utilizar *eu*; em preencher essas conchas vazias. É essa possibilidade que buscamos em todas as nossas conversas. Até porque, nessa troca, asseguramo-nos de nossa própria *presença*. O processo de comunicação intersubjetiva é uma consequência desse trabalho que os interlocutores cumprem mutuamente sem nem mesmo perceberem.

Na cena enunciativa, os papéis de *eu* e de *tu* são inversíveis (BENVENISTE, PLG I). *Eu* e *tu* se asseguram de sua presença mutuamente e por contraste. Usar *eu* é reconhecer-se com direito à

fala, ou seja, é dar-se um lugar no espaço simbólico, mas para isso é necessário que alguém se institua como *tu*. Se o outro falta ou se não dá crédito a meu dizer, minha fala se transforma em pura fonação desprovida de eficácia. O *eu* esvazia-se, de imediato, da substância que havia adquirido no ato. A leitura de Dufour evidencia que, em Benveniste, as línguas reservam espaço simbólico para que o homem se constitua.

Para encerrar, fazemos um rápido comentário sobre o célebre artigo de E. V. Castro (1996), que tematiza a concepção comum a muitos povos do continente, segundo a qual a apreensão do mundo pelas diferentes espécies de pessoas que o habitam, humanas e não humanas, se dá a partir de pontos de vista distintos (1996, p. 115). O antropólogo submete a uma crítica etnológica rigorosa a distinção clássica entre natureza e cultura para descrever “dimensões ou domínios internos a cosmologias não-ocidentais”. Para Castro, essas categorias, no pensamento ameríndio, não coincidem com as de seus análogos ocidentais.

Com base nos estudos benvenistianos sobre os pronomes, o autor (1996, p. 134-135) afirma que: “Entre o ‘eu’ reflexivo da cultura (gerador do conceito de alma ou espírito) e o ‘ele’ impessoal da natureza (marcador da relação com a alteridade somática), há uma posição faltante, a do ‘tu’, a segunda pessoa, ou o outro tomado como outro sujeito, cujo ponto de vista serve de eco latente ao do ‘eu’.”

Encontramos aí mais um atestado de que o estatuto particular das formas pronominais, na teoria de Benveniste, transborda o âmbito da descrição estritamente linguística para tocar em problemas de ordem mais geral, cujo alcance revela uma “concepção forte e original das relações entre a linguagem e o homem” (DESSONS, 2006, p. 26).

Essa breve notícia sobre a referência feita a Benveniste nesses trabalhos demonstra que, mais do que uma descrição de categorias fundamentais da língua, seu estudo sobre os pronomes coloca-nos no âmago de uma problemática da interlocução, pois essas categorias são precisamente aquelas em que se amarram as relações do *eu* com aquilo que é privado da marca do *eu*. E, mais do que isso, coloca em evidência a relação radical da linguagem com o homem. É na estrita relação com o humano que a linguagem é definida, assim como o humano é definido na estrita relação com a linguagem (DESSONS, 2006, p. 44). Por retirar da linguagem a condição de mero instrumento, “utilitário ou decorativo do pensamento” (BARTHES, 1988, p. 31), a teoria de Benveniste contrapõe-se ao lugar comum filosófico que define o homem por sua capacidade de comunicar.¹⁸

O homem não preexiste à linguagem, nem filogeneticamente nem ontogeneticamente. Jamais atingimos um estado em que o homem estivesse separado da linguagem, que elaboraria então para “expressar” o que nele se passasse: é a linguagem que ensina a definição de homem, não o contrário (BARTHES, 1988, p. 31-32).

Essas palavras de Barthes parecem definir por onde o pensamento de Benveniste transborda os limites da linguística para ligar-se a uma antropologia da linguagem.

Palavras finais

Estamos cientes de que a apresentação sucinta dos autores aqui trazidos está longe de atingir a complexidade de seu pensamento. Nosso intuito foi apenas o de ilustrar a repercussão da teoria de Benveniste fora do âmbito da linguística, especialmente ligada ao fato de ele dar a ver a dialética singular pela qual o locutor acessa a língua como uma “experiência central da qual se determina a possibilidade mesma do discurso” (PLG II, p. 69).

Parece que não se pode ver em Benveniste nem a parcialização do objeto nem o reducionismo arbitrário típicos do conhecimento produzido pela chamada ciência moderna. Está em seu projeto a expressão da necessidade de reunir os conhecimentos sobre o homem. Ele está ciente dos poderes de uma ciência que se ocupa da linguagem, mas, como bem o diz Barthes, não se constitui como seu proprietário, reconhecendo nela “o germe de uma nova configuração das ciências humanas” (BARTHES, 1988, p. 180).

Isso é particularmente visível na entrevista a Dumur, no ponto em que Benveniste admite que, na elaboração de seu estudo, faz uso “do desenvolvimento de todas as ciências que seguem a mesma

direção” (PLG II, p. 39); ou quando ele define a linguística como uma epistemologia (PLG II, p. 38); ou ainda quando afirma seu interesse pela convergência entre várias ciências (PLG II, p. 39).

Benveniste localiza o ponto em que a linguística pode ser útil para outros campos de estudo. Passar por ela, segundo o autor, “dá ao espírito uma certa formação”, permite-lhe tomar uma certa distância. Ele considera os estudos linguísticos como formadores, sobretudo, por destruírem ilusões sobre o valor absoluto da língua, sobre os valores absolutos que cada um encontra em sua própria língua em relação a outras (PLG II, p. 40).

A categoria dos pronomes, em Benveniste, é estudada no âmbito de uma teoria da enunciação, o que confere à noção de enunciação, que não se confunde nem com a de enunciado nem com a simples constatação da presença da subjetividade na linguagem, um papel determinante nesse empreendimento em direção a uma ciência geral do homem. É pelo ato de enunciação, sempre renovado, que o locutor se apropria da língua para enunciar sua posição de sujeito, sujeito que, no dizer de Barthes (1988, p. 183), não é anterior à língua, pois só se torna sujeito na medida em que fala.

Reafirmamos que, em Benveniste, encontra-se a fundação de uma linguística nova, que, num primeiro momento, foi identificada apenas como a possibilidade de descrever, na língua/na linguagem, as marcas da subjetividade, mas que

assume, hoje, outro estatuto, com muito ainda a ser desvelado.

Barthes (1988, p. 181) tem razão ao dizer que “tudo é claro no livro de Benveniste, tudo nele pode ser imediatamente reconhecido como verdade; e, no entanto, tudo também nele não faz mais do que começar”.

L'étude des pronoms chez Benveniste et le projet d'une science générale de l'homme

Résumé

Ce travail propose que l'étude des pronoms de Benveniste représente un lieu privilégié pour montrer que sa théorie de l'énonciation contient le projet d'une science générale de l'homme.

Mots-clés: Personne. Non-personne. Énonciation. Science générale de l'homme.

Notas

- ¹ Sabemos que, embora reconheça a ordem da língua como afetada por elementos que lhe são “exteriores”, Authier-Revuz não concorda que se deixe o objeto da linguística aí se perder; isto é, o estudo da enunciação proposto por ela não promove a dissolução do objeto tal como é definido por Saussure (cf. TEIXEIRA, 2000).
- ² Os trabalhos apresentados nesse colóquio estão disponíveis em *Letras de Hoje* de dezembro de 2004 (cf. bibliografia).
- ³ No breve panorama com que Kerbrat-Orecchioni (s.d., p. 9-15) inicia sua conhecida obra sobre a subjetividade na linguagem, em que ela argumenta em torno da necessidade de extensão dos *poderes* da linguística para além de seus *dois gestos fundadores*: Saussure e Chomsky, ela declara que a linguística não encontrou ainda seu “terceiro fundador”.
- ⁴ Cf. Teixeira; Cabral (2009, 2010), entre outros trabalhos ainda não publicados.

- ⁵ A preferência pelo “nós” daqui em diante deve-se ao fato de que as reflexões sobre a amplitude da teoria de Benveniste vêm sendo feitas na interlocução com Valdir do Nascimento Flores.
- ⁶ Em livro dedicado a examinar a recepção atual de *Problemas de linguística geral*, Brunet e Mahrer (2011) salientam que, no mundo anglo-saxão, a recepção de Benveniste é praticamente nula. Em contrapartida, destacam os autores, no Brasil, “onde a conjugação teórica das ciências da linguagem é muito próxima da que se faz na França”, a presença de Benveniste é visível, como atesta o Colóquio Leituras de Émile Benveniste, realizado em Porto Alegre, que se encontra registrado na revista *Letras de Hoje* (2004).
- ⁷ Na França: Dessons (2006); Ono (2007); Laplantine (2011); Brunet; Mahrer (2011). No Brasil: Flores; Teixeira (2005). Flores et al. (2008). Flores; Barbisan; Finatto; Teixeira (2009); Silva (2009).
- ⁸ Em “A forma e o sentido na linguagem”, Benveniste afirma: “Nosso domínio será a linguagem dita ordinária, a linguagem comum, com exclusão expressa da linguagem poética, que tem suas próprias leis e funções próprias. A tarefa, concordarão, é ainda assim já bastante ampla. Mas tudo o que se pode esclarecer no estudo da linguagem ordinária será de proveito, diretamente ou não, para a compreensão da linguagem poética também” (PLG II, p. 221-222). Mas é em “Semiologia da língua” (PLG II, p. 43-67) que o caráter radicalmente específico da significância artística é colocado com maior clareza, quando Benveniste distingue a significância da língua da significância da arte.
- ⁹ BENVENISTE, É. *Dernières leçons* – Collège de France (1968-1969). Paris: Éditions EHSS, 2012.
- ¹⁰ Conforme material de divulgação. Disponível em: <<http://www.seuil.com/libre-97820210719779.htm>>. Acesso em: 22 mar. 2012.
- ¹¹ Escritor, crítico literário, que viveu de 1921 a 1991. Em 1964, tornou-se colaborador de *Le Nouvel Observateur* (popularmente referido como *Le Nouvel Obs*), onde se notabilizou por realizar uma série de entrevistas com personalidades de destaque no universo da ciência e das artes.
- ¹² “A exceção francesa” de que fala Dosse (1994, p. 61).
- ¹³ Cf. Teixeira (2004).
- ¹⁴ Na visão de Adam, Barthes contribuiu muito para a difusão dos trabalhos de Benveniste na direção do que se pode entender como “a translinguística dos textos e das obras” (BENVENISTE, PLG II, p. 67). Muitas de suas afirmações são confirmadas pelo que hoje está sendo tornado acessível por C. Laplantine sobre a poética de acordo com Benveniste (ADAM, 2011, p. 138).
- ¹⁵ No que se refere à relação enunciação e história, Dessons (2006, p. 110) faz uma observação importante. A enunciação não pode ser entendida como um produto, mas como a própria condição da história. De fato, ela funda a história ao fazer com que cada falante se

individualize em uma instância de discurso sempre nova, relativa cada vez à situação de fala na qual ele se inscreve e que não se repete.

¹⁶ Em francês “à neuf”. Dessons (2006) destaca ser esta uma expressão importante em Benveniste, pois ela traz a crítica da subjetividade como permanência, afastando-a da concepção filosófica idealista.

¹⁷ O que está em Authier-Revuz por outra via.

¹⁸ Ele também contraria concepções idealistas do sujeito, bem como concepções representacionistas da relação entre a linguagem e o mundo.

Referências

ADAM, J. Michel. Le programme de la “translinguistique des textes, des oeuvres” et sa réception au sein des années 1970. In: BRUNET, É.; MAHRER, R. *Relire Benveniste: réceptions actuelles des Problèmes de Linguistique Générale*. Bruxelles: Academia, coll. “Sciences du langage: carrefours et points de vue”, n. 3, 2011. p. 123-147.

AGAMBEN, G. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Trad. de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2008.

AUTHIER-REVUZ, J. *Ces mots qui ne vont pas de soi: Boucles réflexives et non-coïncidences du dire*. Paris: Larousse, 1995.

BARTHES, R. Escrever, verbo intransitivo? In: _____. *O rumor da língua*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988. p. 30-39.

_____. Por que gosto de Benveniste. In: _____. *O rumor da língua*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988. p. 179-183.

BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 1988.

_____. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

_____. *Baudelaire*. Limoges: Lambert-Lucas, 2011.

BRUNET, É.; MAHRER, R. Introduction - Les réceptions de Benveniste: un pluriel singulier. In: _____. *Relire Benveniste:*

réceptions actuelles des Problèmes de Linguistique Générale. Bruxelles: Academia, coll. “Sciences du langage: carrefours et points de vue”, n. 3, 2011. p. 15-39.

CASTRO, E. V. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana*, v. 2, n. 2, p. 115-144, 1996.

DELLA MÉA, C. H. P. *Delocutividade: uma visão enunciativa do processo de renovação da língua*. 2009. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

DESSONS, G. *Émile Benveniste, l'invention du discours*. Paris: Editions In Press, 2006.

DOSSE, F. Benveniste: a exceção francesa. In: _____. *História do estruturalismo*. 2. O canto do cisne, de 1967 a nossos dias. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Ensaio; Campinas: Ed. da Unicamp, 1994. p. 61-72.

DUFOUR, D. R. *Os mistérios da trindade*. Trad. de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

FLORES, V. N. et al. *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

FLORES, V. N. et al. *Enunciação e gramática*. São Paulo: Contexto, 2008.

FLORES, V. N.; TEIXEIRA, M. *Introdução à linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

FLORES, V. N.; BARBISAN, L. B.; TEIXEIRA, M. (Org.). Colóquio Leituras de Émile Benveniste. *Letras de Hoje*, Porto Alegre. v. 39, n. 4, dez. 2004.

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *La enunciación: de la subjetividad en el lenguaje*. Trad. para o espanhol Gladys Anfora e Emma Gregores. Buenos Aires: Hachette, [s. d.].

LAPLANTINE, C. *Émile Benveniste, l'inconscient et le poème*. Limoges: Éditions Lambert-Lucas, 2011.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002.

ONO, A. *La notion d'énonciation chez Émile Benveniste*. Limoges: Lambert-Lucas, 2007.

SILVA, C. L. C. *A criança na linguagem: enunciação e aquisição*. Campinas: Pontes, 2009.

TEIXEIRA, M. *Análise de discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. Porto Alegre: Edipucrs, 2000.

_____. Benveniste: um talvez terceiro gesto? *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 39, n. 4, p. 107-120, dez. 2004.

_____. Primeiro Colóquio Leituras de Émile Benveniste: sessão de abertura. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 39, n. 4, p. 7-8, dez. 2004.

_____. Um olhar enunciativo sobre o discurso. In: DI FANTI, M. G.; BARBISAN, L. B. (Org.). *Enunciação e discurso: tramas e sentidos*. São Paulo: Contexto, 2012. No prelo.

TEIXEIRA, M.; CABRAL, É. O. Linguística da enunciação e ergologia: um diálogo possível. *Educação Unisinos*, v. 13, n. 3, p. 236-245, set./dez. 2009.

_____. Linguagem e atividade de trabalho. *Caderno IHU Ideias*, São Leopoldo, 2010.

TEIXEIRA, M.; FLORES, V. N. Uma entrevista com Marlene Teixeira e Valdir Flores. *ReVEL*, v. 8, n. 15, p. 406-425, 2010.